

marcou as últimas décadas do século passado (sobretudo nos Estados Unidos) e nos deixou «um esboço quer de uma filosofia sociológica quer de sociologia filosófica».

A obra escrita de A. Schutz veio salientar o papel da reflexão filosófica perante a diversidade dos saberes e a fragmentação das ciências. Apoiado nos contributos das ciências sociais e utilizando as reflexões fenomenológicas de E. Husserl, de quem foi discípulo, aí encontramos os esquemas e conceitos fundamentais explicitados e interpretados numa outra originalidade: redução ou epoché, o eu, o outro, a intersubjectividade, o mundo da quotidianidade enquanto esfera do trabalho, a acção humana, o mundo social, intimidade e anonimato, o tempo interno da consciência e o tempo mundano, a ansiedade fundamental e a questão da morte, etc..

A leitura desta dissertação tem a vantagem de versar uma área fenomenológica muito pouco estimada entre nós.

A. SEPÚLVEDA

CALVEZ, Jean-Yves, **80 mots pour la mondialisation**, Desclée de Brouwer, Paris, 2008, 190 p., 210 x 140, ISBN 978-2-220-05998-3.

Uma espécie de grande glossário, no qual as pessoas que se interessam pela multiforme problemática da globalização ou da mundialização podem encontrar múltiplos aspectos, dados, problemas, etc. que lhe dizem respeito, juntamente com orientações do magistério social da Igreja – tal é a natureza deste livro, escrito pelo conhecido especialista J.-Y. Calvez, autor, entre outros escritos, de *La pensée de Karl Marx*.

A título de exemplo, o leitor pode encontrar aí, em resumido desenvolvimento,

assuntos como: Grande Depressão (1931), «fim da história» (Fukuyama), deslocalizações, desenvolvimento, financiamento, FMI, liberalismo, pobreza, nova pobreza, bem comum, civilização do amor (Paulo VI), fim das ideologias, nações e fim das nações, progresso mas que progresso?, desenvolvimento sustentável, ecologia, acesso à água potável, petróleo, população, comunicação, diversidade cultural a preservar, internet, migrações, islão, Jornadas Mundiais da Juventude, religiões e mundialização, armas nucleares, internacionalização dos direitos do homem, Estados Unidos imperiais, Europa e mundo, justiça penal internacional, violência e paz.

Os verbetes estão distribuídos por sete secções, com os seguintes títulos: I – A marcha da mundialização; II – A mundialização em si mesma: transporte, economia, comércio; III – Os homens, a política em face da mundialização; IV – Uma só Terra; V – Cultura-mundo; VI – As religiões no mundo; VII – Um só mundo político?

Como jesuíta e cristão, o autor preocupa-se não apenas com informar e descrever, mas procura fornecer orientação, trazendo a cada assunto a iluminação do ensino social católico, exercendo uma verdadeira pedagogia e procurando dar à problemática da mundialização uma alma e um sentido.

GABRIEL DE LIMA

DIREITO

GROCHOLEWSKI, Card. Zenon, **La legge naturale nella dottrina della Chiesa**, Consult Editrice, Roma, 2008, 68 p., 210 x 150.

O Cardeal Z. Grocholewski, actual Prefeito da Congregação para a Educação

Católica, foi professor de Direito Canônico na Univ. Gregoriana, na Lateranense e no «Studio Rotale». Colaborou na preparação de vários importantes documentos oficiais e reformas jurídicas, como o novo CDC, a reforma da Cúria Romana e a lei fundamental do Estado do Vaticano. Neste pequeno livro edita em italiano uma grande conferência, já anteriormente proferida em francês (Paris, 2006) e em espanhol (Buenos Aires, 2007) e agora pronunciada na Università della Santa Croce, em Roma (Abril de 2008).

Com prefácio de Luigi Cirillo (pp. 5-12), a conferência ocupa as pp. 15 a 59, com um bom complemento de bibliografia (61-68). Com a competência científica que lhe é reconhecida, versa sucessivamente os sub-temas: o mundo de um pensamento metafisicamente débil; a força da lei natural; a lei natural e divina; as propriedades da lei natural; dois sublinhados importantes (lei natural e Decálogo; a «natureza» para a lei natural); o Magistério da Igreja sobre a lei natural (onde já inclui a contribuição do discurso de Bento XVI na ONU); observações conclusivas.

Em tempo de uma alastrada e autoconvencida cultura positivista, da onda filosófica anti-metafísica, em que nada há de dado (por um Deus Criador) e tudo é feito (pelo homem, ele mesmo substituto do Criador), defender e fundamentar a existência e a natureza de uma lei natural assume ares de ousadia e mesmo de reacionarismo. Mas esse é hoje, em boa parte, o caminho da Igreja: reagir contra a onda (a maré!) de uma cultura de insensatez, dissolvente da verdade, do direito, da moral e, em definitivo, do próprio homem. Saúda-se, por isso, a edição deste texto e a sua divulgação, em nome e em favor do mesmo homem.

GABRIEL DE LIMA

HISTÓRIA / BIOGRAFIA

LABOA, Juan María, **Atlas histórico de los concílios y de los sínodos**, Col. «Nueva Imagen», San Pablo (e-mail: ventas@sanpablo.es), Madrid, 2008, 240 p., 310 x 240, cartonado, em couché, ilustrações a cores, ISBN 978-84-285-3357-7.

Juan María Laboa é bem conhecido como historiador da Igreja. Outras obras de sua autoria foram já apresentadas nesta revista. No presente caso presenteia-nos com um valioso percurso pela história da mesma Igreja, com a peculiaridade de a perspetivar a partir dos concílios e sínodos que, no seu decurso, se foram realizando. Trata-se, em consequência, de uma visão da história eclesiástica com uma ênfase particular na colegialidade dos bispos em união com o Papa. Na base desses eventos maiores, entretanto, são postos diante do leitor – em relação a cada tempo e, no caso dos sínodos particulares, em relação aos respectivos espaços – os problemas, as dificuldades, as tensões, as preocupações, as sensibilidades, as deliberações, os preceitos e a doutrina que deles emanaram.

Em modo de preliminares, depois de uma inicial Apresentação, o livro contém um mapa mundial dos concílios e dos sínodos e uma tábua cronológica. Segue-se um texto teológico sobre a comunhão como laço de união eclesial e uma caracterização dos concílios particulares, plenários, provinciais e regionais. Vem depois a narrativa e descrição da longa série dos concílios e sínodos, um a um, a começar pelo de Jerusalém, passando pelos concílios africanos de Cipriano, pelos sínodos romanos e tantos outros: Elvira, gauleses do séc. IV, Niceia I, Cons-